



O Camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

AVANTE NA CAMPANHA

PELA DEMISSÃO DE SALAZAR

“ESTAMOS TODOS ENCRAVADOS”

O Secretário do Estado do Comércio, em despacho publicado em «O Seculo» de 14 de Agosto de 1959 referindo-se aos preços dos adubos, diz que o governo desde 1937 a 1958 concedeu de auxílio à lavoura 2 milhões e vinte mil contos.

Ao citar estes numeros, o secretário de estado procura fazer crer que toda a lavoura é protegida pelo governo e que, por isso, vive desafogadamente. Para provar que assim não é eis alguns apontamentos actuais da situação da lavoura em regiões da Estremadura e Ribatejo.

Um médio proprietário da região de Torres Vedras, disse-nos o seguinte: «Este ano vai ser uma desgraça. O mildio deu cabo das vinhas quase todas. Na esperança de salvarmos parte da colheita temos dado curas atrás umas das outras. Eu já dei 10, enquanto o ano passado dei apenas 4. Este ano gastamos ainda mais dinheiro e colhemos menos vinho. Estamos todos encravados. Em Aldeia Gavinha (A-lenquer) dois lavradores enforcaram-se por terem perdido todas as esperanças na próxima colheita e não saberem como satisfazer os compromissos que tinham. Apesar desta triste realidade ninguém nos presta qualquer auxílio. Pelo contrário, o governo e os grandes negociantes de vinho vão engordar ainda mais com a nossa desgraça. Como a colheita vai ser fraca, e nós estamos com a corda na garganta, eles vão pagar-nos o vinho por uma tuta e meia para depois o venderem por preço ainda mais elevado.»

Em Alpiarça a produção do vinho, segundo aí dizem, deve ancar por metade da colheita do ano passado. Os vinhateiros estão desanimados não sabendo que voltas hão-de dar à vida. Muitos deles não mandaram raspar as vinhas por não terem dinheiro e por verem que a próxima colheita não compensa. O

vinhateiro João Leocádio matou-se por ver que não podia pagar as rendas das terras e aguentar por mais tempo a vida difícil que levava. Os vinhateiros dizem que podiam viver com menos dificuldades se o governo lhes concedesse créditos a juros baixos.

Um pequeno rendeiro da região de Santarém lamentava-se dizendo: «a batata estragou-se-me toda e na seara de trigo perco uns 5 contos porque só deve dar umas 5 ou 4 sementes. É tudo assim! Estou empenhado até às orelhas e não sei onde heide ir buscar uns poucos de contos de reis para pagar essas contas. Isto está bom é para aqueles que estão à frente do governo e dos grêmios. Já me disseram que ali para os lados da Azoia de Cima um rendeiro pôs a corda ao pescoço.» Um rendeiro da região de Rio Maior pronunciou-se assim: «Este ano o azeite não adianta nada porque vai haver grande baixa na produção. Estavamos à espera que desse alguma coisa para nos ajudar às dívidas mas mais uma vez nos enganamos.»

Ao falar da sua vida, um velhote da região de Loures, que amava uns bocados, dizia: «Este ano vai ser um ano muito miserável. A batata estragou-se. Como a batata é o pão dos pobres, quando as há uma pessoa cose uma panela delas e toda a gente enche a barriga, mas este ano não sei o que vai ser quando chegar o inverno. O trigo também não deu nada e perdemos muito dinheiro nele. Os adubos são muito caros assim como todas as outras coisas que compramos. As oliveiras carregaram de flor mas vão dar pouco.»

Também na região das Caldas da Rainha, os pequenos e médios agricultores se queixam de que o ano é ruim para todos eles. Dizem que recolheram metade do trigo que calculavam ter e que o milho e fei-

vão se estragou quase todo.

Isto, e tudo o mais que se conhece da vida difícil da pequena e média lavoura prova bem como ela está completamente desprezada. Os auxílios que o governo diz que presta à lavoura não são dados aos pequenos e médios mas sim aos grandes agrários fascistas como os Melos Machados, Palhas Blancos, Infantes da Câmara, etc., que vivem cada vez mais à larga e que, por isso mesmo, defendem com unhas e dentes, a actual situação e a permanência de Salazar no poder.

Os pequenos e médios camponeses, e todos os que vivem do seu trabalho na terra, só têm uma maneira de melhorar a triste vida que levam: unirem-se, organizarem-se e reclamarem do governo aquilo de que necessitam.

OS TRABALHADORES RURAIS DE SOUSEL REVOLTAM-SE CONTRA A EXPLORAÇÃO E A REPRESSÃO

A custa de constantes idas à Casa do Povo de Sousel e às autoridades, cerca de 80 trabalhadores desempregados conseguiram trabalho mas só por poucos dias.

De novo, em meados de Abril, voltaram à Casa do Povo mas só lhes arranjam trabalho muito longe, e só aos que tivessem as cotas em dia.

Um dos trabalhadores protestou contra isso: «Eu preciso de trabalho e não tenho as cotas em dia porque tenho filho doente e nem pão tenho em casa, como posso pagar as cotas?» Um empregado da Casa do Povo insultou então os trabalhadores dizendo que eles queriam dinheiro era para vinho ao mesmo tempo que os ameaçava com a G. N.R. para onde telefonou e empurrava o trabalhador que falara fa-

zendo-o cair pelas escadas.

A atitude desleal empregada da Casa do Povo provocou grande ira entre os trabalhadores pelo que levaram uma sova dum deles. Entretanto chegaram 5 praças da GNR que, ameaçando os desempregados queriam bater neste trabalhador. Em frente da Casa do Povo já se tinham juntado umas 400 pessoas que protestavam e gritavam contra a miséria e contra a repressão.

Os guardas, mandados para ali para cegamente reprimir e bater nos trabalhadores, ante os protestos tão justos que ouviam, começaram a fazer fogo para o ar, mas esses tiros em vez de dispersar a multidão só provocou mais revolta pelo que um guarda foi deveras bati do enquanto os outros dois fugiam.

Reforços da GNR apareceram pouco depois tendo havido tiros e muita pancada. E o povo gritava: «Bandidos!» «Queremos trabalho e temos fome, mas dão-nos tiros e pancada!»

Estes acontecimentos de Sousel demonstram o estado de desespero a que está chegando o nosso povo, tão intensamente explorado e oprimido. Os operários agrícolas de Sousel sentiram, pela sua própria experiência, como a sua unidade lhes dá força capaz de vencer a exploração e a repressão.

Quanto às forças repressivas que actuam sob as ordens dum regime fascista, de certo mais uma vez verificaram como a acção que lhes é imposta é contrária aos interesses do povo trabalhador, como, pela sua acção, cada vez mais se afastam do nosso povo. Só a sua unidade contra as ordens infames que lhes são dadas lhes permitirá impedir que cada vez mais sejam olhados como carrascos e inimigos do povo

LUTA PERSISTENTE E FIRME DE MUITOS MILHARES DE CEIFEIROS E CEIFEIRAS

A acção que todos os anos os valentes operários agrícolas portugueses travam para ganharem um pouco mais no período das ceifas, tem escrito, na história da luta do nosso povo, páginas magnificas de unidade e firmeza.

A esta reivindicação tão justa e necessária para diminuir a extrema miséria em que tais trabalhadores vivem, opõem-se dum maneira feroz e desumana, em especial os grandes agrários e as autoridades.

Dezenas de milhares de ceifeiros e ceifeiras conhecem hoje muito bem, por sua própria experiência, quais os responsáveis pela sua fome e como é possível lutar e conquistar melhores jornas.

Para eles está claro que contra o aumento do desemprego, contra as manhas e ameaças dos exploradores, contra a acção repressiva que o governo põe à disposição destes, a arma fundamental dos que abalham é a acção das massas unidas e organizadas, isto é, a luta persistente e firme dos trabalhado-

res, todos unidos e bem organizados.

E se a fome é mais intensa, se o emprego mais abundante das máquinas aumenta em muito o desemprego, se a repressão toma aspectos mais ferozes, a solução será ainda o estreitamento da unidade, a melhoria da organização e o reforçamento da luta.

Mais que nunca se coloca aos assalariados rurais a necessidade não só de melhores jornas, mas de trabalho assegurado, de jornas justas mas para todo o tempo dum trabalho do campo, para toda uma estação quando não para todo o ano.

A conquista de contratos colectivos livremente discutidos e aceites que garantam trabalho, um horário justo e jorna remuneradora, deve tornar-se cada vez mais a reivindicação fundamental dos operários agrícolas. Por isso o nosso jornal fazia dessa palavra de ordem para as ceifas o seu ponto principal.

Sabemos que em algumas terras a distribuição do nosso jornal teve influência directa e imediata na

acção dos trabalhadores.

Assim em Selmes e Pedrogão logo que o povo, que já ceifava por jornadas de fome, tomou conhecimento de «O Camponês», decidiu paralisar o trabalho durante um dia para voltar a pegar exigindo 55\$00, que conquistaram.

No Couço, 200 trabalhadores que ganhavam 25 e 27\$00 concentraram-se na praça de jornas e exigiram 40\$00 e as 8 horas de trabalho, tendo-os conquistado.

No Escoural realizaram-se algumas reuniões de trabalhadores e em virtude da sua acção as jornas atingiram 47\$00, conseguindo o casal pelos 30 dias 2.000\$00 e 2.100\$00.

São na verdade as reuniões de trabalhadores que permitem travar uma discussão e assentar numa orientação para a luta; são as concentrações nas praças de Jorna, como nas Casas do Povo, Junto das autoridades, etc., que unem e fortalecem a acção; e são muitas vezes as paralizações de trabalho o recurso a que é necessário deitar mão para convencer os patrões a

POR MELHORES JORNAS NA AZEITONA

TRABALHADORES RURAIS - Vão começar os trabalhos da azeitona. Uni-vos, combinai uma jorna a pedir e lutai, com persistência, pela conquista desse jorna. Em alguns lados procura-se pedir 30\$00 para os homens e 25\$00 para as mulheres.

Ô ZÊ!



— Ah Zé, agora é que tens de me explicar tanta coisa!
— Já sei. Vais-me falar na Lua, não é?
— É verdade, Zé, explica-me lá isso.
— Será possível? Olha que há muita gente que nem acredita.
— Olha Toino. É verdade que os homens realizaram um grande sonho. Conseguiram fazer chegar à Lua coisas da Terra. Esse é um primeiro passo para amanhã o próprio homem poder pisar outros planetas, isto é, outros astros que andam no espaço, dos quais a Lua é o que nos está mais à mão. Essa grandiosa vitória dos homens é o resultado do progresso da ciência e da técnica e mostra como seria possível avançar muito mais se os dinheiros se consagrassem mais às preocupações pacíficas que às da guerra.

— Ouve lá, ôh Zé, e foram os russos que fizeram isso?
— Sim, isto é, foi o povo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, de que a Rússia é uma das repúblicas.
— E os americanos não serão capazes?
— Os americanos naturalmente que também conseguirão o mesmo mais tarde. O facto de terem sido os soviéticos a chegarem primeiro à Lua prova que a ciência e a técnica soviéticas ultrapassaram já a dos Estados Unidos. Estes dois Estados são hoje os mais poderosos e, como sabes, cada um tem um regime social próprio. A União Soviética é socialista e os E. Unidos capitalista. Nós vivemos uma época em que se trava uma grande competição entre estes dois regimes. Qual é o melhor? Qual o que resolverá melhor os problemas do homem desde a alimentação, à habitação, à saúde, ao bem-estar, etc.?

— Como tu sabes, estão-se a dar importantes conversações entre os dirigentes desses dois Estados. Se se estabelecer uma competição pacífica entre eles, o mundo viverá melhor, em Paz e constante progresso. Se aqueles que alimentam desejos de guerra conseguissem os seus intentos, isso seria um desastre muito grande para a humanidade.

— Oh Zé, mas há gente que deseja a guerra, o mal para os homens? Há sim Toino. Então tu não sabes, pela tua vida, que há gente que deseja o mal para os homens, que há gente cujos interesses se baseiam na exploração e opressão dos homens?
— Tu estás a falar de cá, do nosso país, não é?
— De cá e de muitos outros lados. Pois nos E. Unidos há também quem pense que a competição com a U. Soviética tem de passar pela guerra. Por isso estas conversações entre Eisenhower e Kruschov têm grande importância para a preservação da Paz.

— Sim, Zé, mas que ganhamos nós com isso se continuamos nesta vida amargurada de não termos que comer?
— Ganhamos muito, Toino. Tu sabes que a política que Salazar sempre tem seguido é a da «guerra fria», da tensão internacional, da preparação duma guerra contra o campo de socialismo. E um regime fascista como o de Salazar medra exactamente nesse ambiente de desconfiança internacional. Se o ambiente mundial se torna mais favorável à Paz é mais um golpe profundo na política de Salazar, uma sua derrota, e sem dúvida os povos do mundo terão mais ocasião para apreciar o regime de arbitrariedade, de terror em que os portugueses vivem. Por isso o desanuiamento internacional favorece a nossa causa, a causa de todo o povo português.

— Mas queres tu dizer, Zé, que então agora a coisa vai?
— Há-de ir, sem dúvida, Toino, mas não penses que vai com o trabalho dos outros, só com os factores internacionais. Estes factores podem ser favoráveis mas se nós, camponeses, e como nós as outras camadas exploradas e espezinhadas pelo salazarismo, não aumentarmos e melhorarmos as nossas luras, Salazar não vai embora por si.

— Se os factores internacionais são favoráveis isso deve-nos é animar a lutar mais, a unir cada vez mais gente na nossa acção para conquistarmos as nossas justas reivindicações e especialmente conseguirmos aquilo que é para o nosso povo, actualmente, a sua mais desejada aspiração — a demissão de Salazar?

LUTA PERSISTENTE E FIRME... (da pág. 1)

pagarem uma jorna mais razoável. Mas outras vezes a luta toma aspectos novos. E o grande desemprego existente em certas regiões mostra claramente isso.

Foi o que sucedeu em Ervidel. Ante a indiferença dos agrários perante o desemprego que alastrava por quase todos os operários agrícolas, muitos destes decidiram impôr o trabalho dos seus braços, pegando a ceifar no Monte de António Francisco da L. Barbosa. O manager tenta impedir o seu trabalho mas não consegue. Vem a GNR e os homens continuam a ceifar. Então 5 guardas avançam para eles com as espingardas apontadas, como que a dizer: «tirem daí as mãos e vão morrer de fome». Vêm-se protestos de todos os lados mesmo dos ceifeiros que tinham sido contratados para aquele monte e se não fosse a acção das mulheres que recearam à ira dos seus homens, a acção repressiva das autoridades teria de certo provocado séria luta. Que belo exemplo de luta o destes ceifeiros!

Também nesta terra um grupo de ceifeiros destruiu as pás duma ceifeira que encontraram numa es-

trada e nós, no nosso jornal, não temos apoiado tais acções. Mas não há dúvida de que a máquina não pode tirar o pão ao homem e por isso cada vez se torna mais necessário uma ampla unidade de todos para impedir que as máquinas trabalhem enquanto houver braços parados.

Pelas informações que colhemos, sabemos que em muitas terras se conquistaram este ano os 40\$00 (Évora, Aldeia Nova, Sines, Cercal, S. Luiz, Grândola, Lousal, Garvão, etc.) Je mesmo se atingiram os 50\$00 (Montemor-o-Novo, Baleizão, etc.) A conquista destas jornas e todas as lutas travadas durante as ceifas deste ano servirão de estímulo e de experiência não só para as próximas ceifas mas para todos os trabalhos do campo.

Quer na debulha, na ceifa do arroz, na tiragem da cortiça dos trabalhos públicos, quer nos trabalhos da vinha, do milho, nas sementeiras, etc., que por todo o país se realizam, quer ainda perante o desemprego que tão atrozmente enche tantos dias da vida dos operários agrícolas, as experiências colhidas na unidade, na organização e na acção, são preciosas.

Levantemos bem alto as nossas justas reivindicações e caminhemos juntos e organizados para a sua conquista.

Lutemos por contratos com trabalho garantido, um horário e uma jorna remuneradora.

NO ALGARVE

Na casa Felício, «Propriedade do Morgado», (Lagos) os operários agrícolas ganhavam a mísera jorna de 6\$00 a trabalhar de sol a sol. No princípio de Junho os seus ranchos decidiram não pagar nas ceifas e outros serviços por menos de 20\$00 e 8 horas de trabalho.

O encarregado chamou logo a GNR e a PIDE que procuraram intimidar os trabalhadores os quais, porém, não pegaram no trabalho. Só após longa discussão e promessas da melhor horário, os trabalhadores pegaram por 18\$00.

Esta é uma experiência para estes trabalhadores tão explorados. Para conseguir melhorar a sua situação será preciso reforçar mais a sua unidade pois, unidos e firmes, são capazes de sair-dessa jorna de fome e conquistar melhor horário.

NAS MONDAS

No ESCOURAL um rancho de 15 mulheres exigiu o aumento da jorna de 9 para 12\$00. Como não lhes fosse dado abandonaram o trabalho. Em virtude da sua acção na terra as mondas foram feitas a 12\$00.

Em MONTEMOR-O-NOVO igualmente os preços das mondas passaram de 9 para 12\$00 em virtude da acção das mulheres.

CARTA DUM LEITOR

DESTAPEMOS A NOSSA MISÉRIA

Amigos, não podia deixar de escrever estas linhas, que apontam erros da nossa vida quotidiana.

Há dias, quando à noite, por horas da ceia, estrei na casa de um amigo, para conversar, a família ajuntava-se na mesa. Ao cumprimentá-los, notei certo embaraço, mais ainda por parte da mulher, que não se apressava a servir a sopa, porque tinha vergonha que eu visse a pobre ceia deles. Como se fosse ela a culpada de servir um simples caldo de couves com uns bocado de batata, uma colher de azeite — se é que o levou — e um naco de pão negro, sem mais condimento! Ao compreender a causa daquele embaraço, não pude deixar de expor a minha situação, que é igual à deles e à de todos os trabalhadores da nossa terra.

Eu, nesse dia, tinha sido mais feliz, pois tinha comido um caldo de feijão com uma barbotana de bacalhau assado, que apenas serviu para me salgar a boca. Disse então ao meu amigo — Eu só tenho um filho, e não tenho para matar a fome, como podes tu, que tens três filhos, e que esta semana não ganhasse, porque não trabalhei, e ainda a semana passada tive um filho doente!

O meu amigo respondeu: — Verdade amigo, nós estamos errando, vivemos na maior miséria mas quando alguém nos visita pelas portas de comer, queremos sempre mostrar que comemos bem, e isso só serve para julgarem que não passamos mal, que não temos direito a lutar por uma vida melhor! Nós ganhando a mísera jorna de 13\$00 ou 20\$00 não nos chega para matar a fome, nem a nós nem aos nossos filhos, como podemos estar sem trabalho?

Eu disse-lhes: — Era por causa do trabalho que cá vim falar contigo. Todos os trabalhadores que estão sem trabalho, estão combinados em ir à Casa do Povo reclamar trabalho e não arredarem de lá sem irem ganhar uma jorna que chegue, ao menos, para matar a fome aos seus e nós, também não podemos faltar!

Aperfeiando-me a mão, o meu amigo disse: — Eu lá estarei amigo! Podes estar certo que de hoje para o futuro não mais esconderei a minha miséria, hei-de contá-la aos outros e lava-lo a lutarem comigo por trabalho e pão para todos! Um operário agrícola

«O CAMPONÊS»

«O Camponês» tem vivido e progredido porque tem o apoio de muitos e muitos camponeses que lhe mandam informações, lhe contam a sua vida e as suas lutas, o distribuem e o ajudam financeiramente.

É para este apoio que não nos cansaremos de apelar certos de que quanto maior ele for, mais regular será a saída do nosso jornal e actualizadas as suas informações, maior divulgação terá, mais importante papel desempenhará na luta dos camponeses, e portanto do nosso povo, por uma vida melhor.

«O Camponês» não é o jornal dos trabalhadores rurais.

«O Camponês» é um jornal de todos os que labutam no campo, cuja vida se liga estreitamente ao problema da terra.

Para os operários agrícolas, para os pequenos e médios agricultores (proprietários, rendeiros ou parceiros) para muitos agricultores ricos, há reivindicações comuns que os devem unir numa acção conjunta para a conquista dir-

CONTRA O DESEMPREGO

Em S. CRISTÓVÃO, em Abril cerca de 100 trabalhadores que andavam na estrada para Alcácer do Sal ficaram sem trabalho «por estar a chover». Voltaram a exigir trabalho a dois dias depois conseguiram-no.

No COUCO, em Maio cerca de 70 trabalhadores exigiram trabalho na Casa do Povo, tendo a maioria sido distribuída pelos agrários ou metidos na estrada.

NOS TRABALHOS DO ARROZ

Em S. ANDRÉ um rancho de 50 homens largou o trabalho dos arrozais do agrário Mésias porque este exigia que fizessem mais cedo. Depois o agrário quiz dar o trabalho ao emorteira mas ninguém lhe pegou.

Em MONTE MOVO (PALMA) um rancho de 18 pessoas que trabalhavam por conta do rendeiro Constantino, abandonou o trabalho por o rendeiro querer baixar a jorna de 23 para 22\$00 para os homens e de 20 para 19\$00 para as mulheres.

Em SINES um rancho de cerca de 20 mulheres que andava a rebaixar terra para arroz, decidiu pedir aumento de jorna de 10 para 12\$00. O agrário concordou que «daria qualquer coisa» mas as mulheres disseram-lhe: «Não é qualquer coisa», é que não pegamos ao trabalho sem ser por 12\$00. E deste modo conquistaram-nos.

No COUCO cerca de 120 mulheres que trabalhavam para dois grandes sequeiros de arroz, para a plantação do mesmo reclamaram o aumento da jorna de 18 para 20\$00 dizendo que só pegariam por este preço. Durante 4 horas estiveram a discutir mas dada a sua unidade e firmeza, conquistaram os 20\$00. Também em Santa Justa do Couço um rancho de mulheres conquistou os 20\$00 e as 8 horas de trabalho para as plantações de arroz embora os sequeiros oferecessem só 16\$00.

NAS DEBULHAS

Em BERINGEL 7 operários agrícolas abandonaram o trabalho duma máquina por o patrão não ter aceitado o seu pedido de aumento da jorna de 24 para 30\$00. O patrão, Faustino, mandou chamar a GNR e PIDE que ameaçaram os trabalhadores mas não os puderam convencer a voltar ao trabalho.

Em TRIGACHES também um patrão, Casaca, que quiz pagar uma jorna mais baixa que a combinada, mandou chamar a GNR e PIDE pelo facto dos trabalhadores se recusarem a trabalhar. A acção repressiva da PIDE provocou grande ódio entre o povo tendo havido luta com as forças repressivas.

Em SERPA também 5 homens deixaram o trabalho da máquina do deputado Lobão por quererem 25 e não 23\$00 como ganhavam.

Em SINES na máquina da Quinta os homens pediram ao patrão as 8 horas ou mais ordenado. Como o patrão recusasse todos abandonaram a máquina, que esteve parada 8 dias, e só recomeçou a trabalhar com jorna de 22 e não 20\$00 como anteriormente.

EM TRABALHOS NAS ESTRADAS

120 trabalhadores que ganhavam 4\$00 por cada metro no alcatruamento da estrada de AVIZ para RENAIVIA, reclamaram a passagem à jorna de então 5\$00 por metro. Como o chefe recusou, no dia 21 de Setembro todos os homens pararam o trabalho. A GNR foi chamada mas recusou-se a comparecer. Ao fim dum quartel de paralização de trabalho foram conquistados os 5\$00.

Neste serviço também 22 homens protestaram energeticamente contra o roubo que o carrasco Niza (cantoneiro) e Elias (cabo) faziam na hora de despegar. Desse modo conseguiram passar a sair à hora e conquistaram uma hora no sábado.

Ainda perto daquel 20 trabalhadores «schi-danzaram-se com dois companheiros que tinham sido despedidos sem razão tendo conseguido, com a paralização do trabalho e protestos, que o despedimento fosse anulado.

ma vida mais feliz e justa nos campos

A valorização dos produtos da terra, a diminuição de certas contribuições, a ajuda com crédito fácil e barato e assistência técnica, uma REFORMA AGRÁRIA que distribua as terras dos latifundiários, que dê a terra a quem a trabalha, bem como a justa remuneração do trabalho, tudo são reivindicações que interessam à melhoria da vida nos campos e ao progresso da agricultura. A «O Camponês» interessa todos estes problemas e por isso tem as suas colunas abertas a todos os que deles queiram tratar.

«O Camponês» entrou em Maio no seu XIII ano de publicação (neste jornal é rectificada a numeração do ano). O decorrer dos anos deve ter, como consequência, uma maior ligação do jornal com os seus leitores e amigos. E essa mais estreita ligação consegue-se se todos trabalharmos para que o nosso jornal seja cada vez mais o portavoiz fiel das aspirações e interesses de todos os camponeses de Portugal. E assim será o seu verdadeiro ergão.

POR UMA MAIOR AJUDA A «O CAMPONÊS» EM INFORMAÇÕES, ARTIGOS E CRÍTICAS POR UMA MAIOR DIVULGAÇÃO DO NOSSO JORNAL E POR UMA MAIS AMPLA AJUDA FINANCEIRA

AUXÍLIO A «O CAMPONÊS»

AGOSTO

Ceifeiro Alentejano	40\$00
Ceifeiros Unidos	32\$00
Auxílio ao Camponês (M)	23\$00
Pela Reforma Agrária	11\$50
Total	394\$50